

O CONSUMO EXCESSIVO DE ÁLCOOL PELOS JOVENS ANGOLANOS COMO CONTRACULTURA

Adriano Mussunga Mendes

Universidade Argentina John F. Kennedy em Buenos Aires - Argentina.

E-mail: mussungamendes@gmail.com

RESUMO

Esta pesquisa versa sobre o consumo excessivo de álcool pelos jovens angolanos como contracultura. Por meio de um estudo fenomenológico de natureza qualitativa e quantitativa e de carácter descritivo, investiga a influência do estilo de vida e dos grupos de pares nos jovens quanto ao consumo excessivo de álcool, assim como analisa a influência que a conduta noturna dos jovens tem sobre o consumo excessivo de álcool. Para tanto, foi aplicado um inquérito aos jovens de cinco municípios da Província de Benguela - Angola e de dois centros de reabilitação de alcoólicos, na faixa etária de 18 a 35 anos de idade. Os resultados demonstram que o estilo de vida que neste trabalho é condicionado pela falta de emprego com 65,9%, os grupos de pares com 75,3% e a diversão noturna com 60,8% contribuem para o consumo excessivo de álcool nos jovens. Verificou-se maior ocorrência na iniciação de consumo na faixa etária de 13 á 18 anos de idade em ambos sexos individualmente (63,9%) e, com amigos (31,0%). Concluímos que o aumento do uso de bebidas alcoólicas está associado a situação de vulnerabilidade social vivida por alguns grupos, permanentemente ameaçados pela instabilidade de suas condições de vida e pela exclusão social.

Palavras-chave: Consumo excessivo, Álcool, Jovens, Representação social.

ABSTRACT

The research-work hereby is based on substantive alcohol consumption by Angolan young people as opposed to our cultural values. Through a qualitative and quantitative study conducted upon a descriptive scope this work seeks to understand the way of life of young

people, acknowledges the influence of their behaviour among friends during the night and as well as, the ascending alcohol consumption. Thus, a survey conducted so far has taken place in five Municipalities of the Province of Benguela-Angola and it also included young people at the age ranging between 18 to 35 years-old from two rehabilitation Centers. So, the findings show that the behaviour of these young people is, first of all, due to the level of unemployment opportunities which, is set at a rate of 65,9% and second of all, 75,3% of their behaviour is claimed to be due to the impact their friendship has on them. The findings have also shown a growing degree of alcohol use by teenagers at a rate of 63,9%, between 13 to 18 years-old including both boys and girls and 31% of it, is assumed to be based on the influence of their friends. Finally, the study has concluded that the heavy alcohol use by young people bears out of social exclusion plunging some of their community groups into deep poverty.

Key-words: Substantial alcohol consumption, Alcohol, Young people, Social representation.

1-INTRODUÇÃO

O homem nas diferentes culturas, sociedades e épocas sempre consumiu álcool, o que na maioria das vezes não constituiu problema e motivo de alarme para a sociedade, sendo consumido com finalidades de recreação, festividades organizadas pela comunidade, como manifestação cultural e humana (CRIVES & DIMENSTEIN, 2003).

Atualmente, assiste-se comportamentos e atitudes inadequados em relação as regras de convivência social, muitos deles são frutos de consumo excessivo de álcool pelos jovens. Segundo Gomes *et al* (2010), o consumo de álcool é cultural, sendo permitido em quase todas sociedades do mundo e as consequências do uso inadequado afetam a população de maior risco para o consumo: os adolescentes e adultos jovens.

Embora o consumo de álcool ocorra na população em geral, sabe-se que alguns segmentos populacionais apresentam diferentes padrões de consumo, sobretudo os jovens e, os fatores associados a esse consumo são: a falta de emprego, problemas sócio familiares, financeiros, a influência de grupos de amigos, prazer e diversão, isolamento, etc. Aliane *et al* (2006), referem também que os fatores de risco para o consumo de substâncias psicoativas são: a disponibilidade de drogas, cultura do círculo de amigos, problemas de ruptura familiar e dependência, capacidade de resistência á pressão social e capacidade de resolução de dificuldades.

O consumo excessivo de álcool nos jovens, é responsável por diversos problemas, não só ao nível da saúde, como também ao nível sociocultural, além de representar um grande prejuízo económico para o país, destacamos o término de relacionamentos, lesões graves, hospitalizações, incapacitação por períodos prolongados e morte prematura (ALIANE *et al*, 2006). Crives e Dimenstein (2003 p. 28), a problemática do uso excessivo de drogas enfrenta também outras questões importantes, dentre as quais merece destaque os interesses económicos que envolvem a produção e venda de drogas, sejam lícitas ou ilícitas.

No dizer de Díez Hernández I. (2003), os estudos sobre o consumo de álcool datam desde a década de anos 50 e, as explicações teóricas referem o consumo excessivo de álcool como uma expressão simbólica de reações sociais, políticas e ideológicas entre os grupos sociais; como reação anónima perante a sociedade; como uma expressão da necessidade de poder. Pode-se associar a essas explicações teóricas a ideia proferida por Silva C. (2005), segundo a qual certas atitudes e comportamentos que os jovens apresentam na vida social, são frutos de passar o tempo sem fazer nada, chamando assim atenção aos demais da sua existência. Nesta pesquisa, os termos estilo de vida, significa a maneira como se entende a vida particular ou de grupo, em todos âmbitos de comportamento, fundamentalmente os costumes ou a vida cotidiana na relação com os objetos, com o meio ambiente ou nas relações interpessoais, a visão de mundo que um indivíduo tem, como por exemplo consumo de drogas, estresse, os valores, orientação profissional, forma de vestir etc. (RESGATE, I. 2001; PEREIRA & SILVA, 2011; PASTOR *et al*, 2006; ROBLEDO DE DIOS *et al*, 2003).

2-METODOLOGIA UTILIZADA

A pesquisa realizada é fenomenológica, na medida em que se acautelou a descrição, a priorização da experiência, ou seja, parte-se do pressuposto de que o sujeito colaborador sabe da experiência, já que a vivenciou. A nós, como pesquisadores, nos propomos a aprender com quem já viveu ou vive a experiência, sobre a qual queremos aprimorar nos conhecimentos (MOREIRA, V. 2004). Para melhor descrição do fenómeno, apoiamo-nos na observação não participante, ou seja, o fenómeno social foi observado no ambiente natural em que se desenrolou, sem que os observados tivessem conhecimento de que alguém os observava. O método *Ex post facto* também foi utilizado, na medida em que se fez uma pesquisa de levantamento e de campo; consistiu ainda em

estudar uma situação onde as variáveis independentes e dependentes já ocorreram. Fizemos ainda recurso ao método correlacional, na busca de possível relação entre a maior exposição a programas publicitários na televisão, relativos a diversão noturna e bebidas, com a intensidade de consumo excessivo de álcool pelos jovens (RODRIGUES *et al*, 2009 p. 32,33 e 35). Durante o trabalho de campo, o método experimental esteve em evidência, já que se destina a encontrar e confirmar relações de causa e efeito entre variáveis, em condições específicas de forma teórica.

A revisão bibliográfica exaustiva foi realizada, para a recolha de informações sobre o consumo excessivo de álcool. A unidade de análise foi selecionada de forma aleatória em dois centros de recuperação de consumidores, e em diversos locais de consumo sedeados pelas artérias da cidade e arredores (municípios da província de Benguela), para se determinar a influência de certos estilos de vida e de grupos de pares no fenómeno em estudo.

A investigação realizada quanto a abordagem, é bibliográfica e documental, na medida em que se apoiou em fontes primárias e secundárias. Em relação aos objetivos, a pesquisa é explicativa e descritiva por se propor a conhecer as causas do fenómeno em estudo e, análise do comportamento das variáveis envolvidas. Quanto a fonte de dados, a pesquisa é de campo, bibliográfica e documental. A natureza dos dados é qualitativa e quantitativa.

2.1 População e Amostra

Nesta pesquisa trabalhou-se sobre uma população de 2.036.662 habitantes e uma amostra não probabilística de seleção aleatória simples, com uma quantidade de 158 jovens dos municípios de Benguela, Balombo, Catumbela, Chongoroi e Lobito da Província de Benguela, dentre estes dois centros de recuperação de jovens alcoólicos, com a faixa etária compreendida entre os 18 a 35 anos de idade. Da amostra total, 79 (50%) são de sexo feminino e 79 (50%) do sexo masculino. A maioria dos inquiridos é da faixa etária dos 18 - 25 anos (53,2%). O grau de confiança é de 95% e um limite de erro de 5%.

2.2 Variáveis

Tendo este trabalho o objetivo de descrever a influência do estilo de vida e dos grupos de pares nos jovens quanto ao consumo excessivo de álcool, bem como analisar a

influência que a conduta noturna dos jovens tem sobre o consumo excessivo de álcool em Benguela-Angola, foram selecionadas as seguintes variáveis: sexo, idade, categorizada em 18-25 anos, 26-35 anos, falta de emprego, conflitos no ambiente familiar (lar), convívio com os grupos de pares, estilo de vida e a formação académico – profissional. Tanto a falta de emprego conjugado no estilo de vida como a influência de grupos de pares, parecem ser as variáveis psicológicas que mais se relacionam com o consumo excessivo de álcool na literatura sobre o tema.

A inclusão das expectativas entre os fatores relacionados e/ou explicados do consumo de álcool pelos jovens, resulta da evidência cada vez mais consistente de que não são só os fatores fisiológicos que determinam os efeitos comportamentais do álcool, mas também são os fatores cognitivos.

2.3 Instrumentos utilizados

Os instrumentos que operacionalizaram estas variáveis foram:

- Um questionário de consumo de álcool, baseado na escala de Lickerts. É constituído por três questões que avaliam a frequência do uso de álcool, a frequência temporal e os lugares de consumo.
- A frequência do uso é indicada por uma das seis respostas que vão desde “nunca” até “sempre”.
- A frequência temporal do uso é indicada por uma das seis respostas desde “nunca” até “todos os dias”.
- Finalmente, em relação aos lugares escolhidos para beber, foram elaboradas duas questões: uma na qual é pedido que se assinale uma das possíveis cinco respostas (em casa, no bar, ... até na casa de familiares) e outra na qual se pede a idade que o jovem tinha quando provou pela primeira vez o álcool com base no comportamento alcoólico dos jovens.

As respostas a estas questões foram posteriormente analisadas com base no comportamento alcoólico dos jovens em moderado aquele que bebesse só em festas e excessivo aquele que usualmente beberia o suficiente para ficar bêbado ou alegre e mais do que cinco bebidas. Fez-se também uma observação não participante, análise de documentos e relatórios escritos, histórias de vida, para a colecta de informações sobre o consumo excessivo de álcool pelos jovens em Benguela-Angola. Os dados foram obtidos

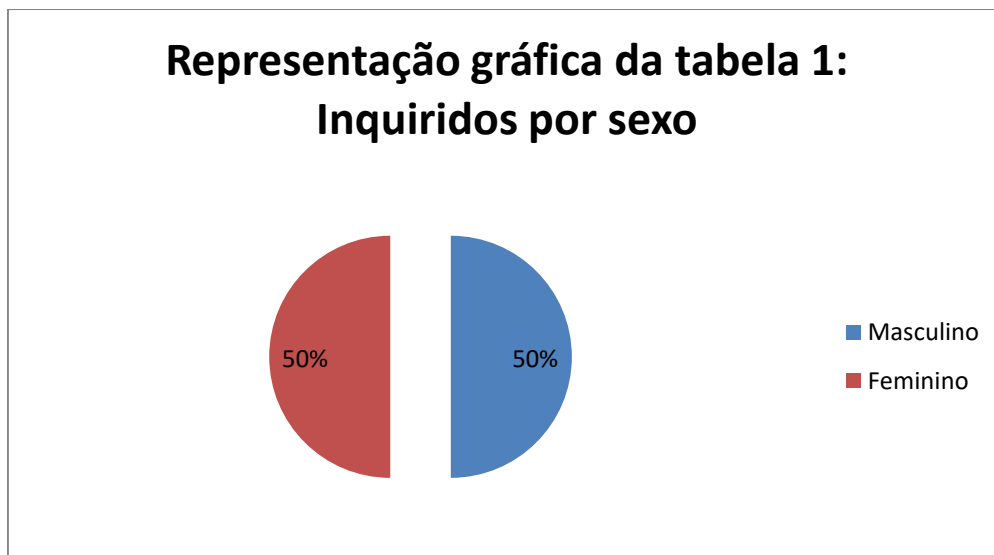
nos centros de reabilitação não governamentais de consumidores nas cidades de Benguela e Catumbela, nas áreas urbanas e suburbanas, onde os jovens se reúnem para o consumo de álcool, sob os indicadores de frequência, porquê consome, a quanto tempo consome na escala de frequência temporal estipulada.

2.4 Análise de dados coletados

Para a análise e tratamento dos resultados, fez-se uma codificação das respostas, tabulação dos dados, cálculos estatísticos utilizando o software de análise SPSS da IBM versão 19 para a comprovação dos resultados obtidos. Foram feitos os procedimentos electrónicos de controlo de entrada de dados. Calcularam-se as distribuições absolutas e percentuais uni e bivariadas, empregando-se o teste de R Square, em um nível de significância de 5%.

2.5 Apresentação de Resultados

Acerca da amostra



Fonte: Elaboração própria.

Representação gráfica da tabela 2: Inquiridos por idade

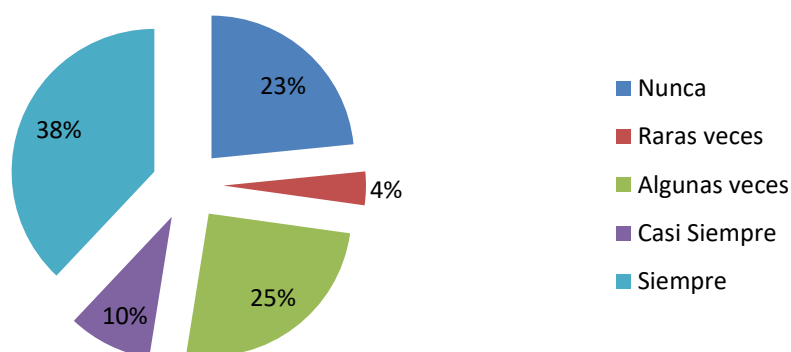


Fonte: Elaboração própria.

Entre os 158 investigados, 50% são do sexo masculino e 50% do sexo feminino. Quanto à distribuição etária, 53,2% (N= 84) com idades entre 18 a 25 anos e 46,8% (N= 74) entre 26 a 35 anos (tabelas 1 e 2).

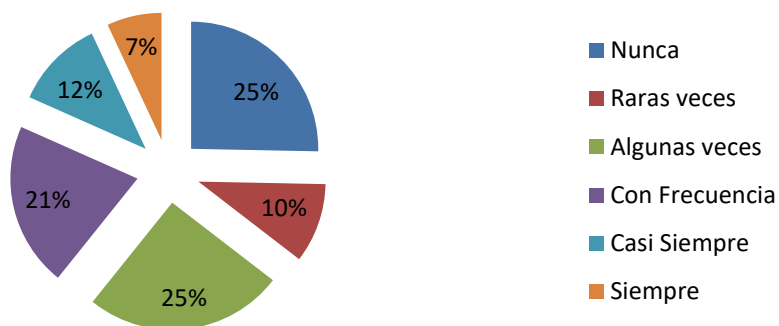
Causas de consumo de álcool pelos jovens

Representação gráfica da tabela 3: Jovens que bebem por não ter emprego



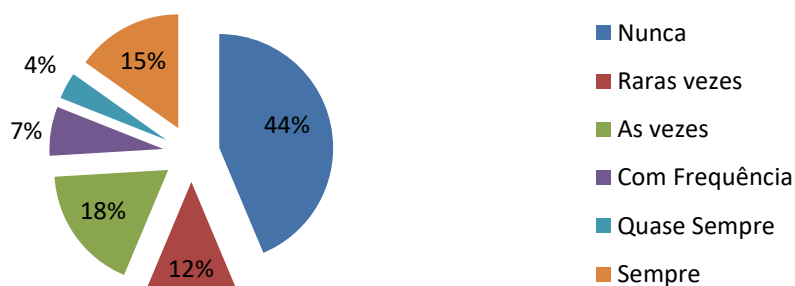
Fonte: Elaboração própria.

**Representação gráfica da tabela 4:
Jovens que bebem porque estão
cansado de procurar emprego**



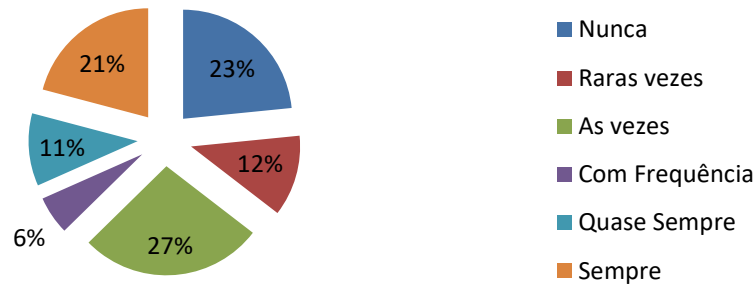
Fonte: Elaboração própria.

**Representação gráfica da tabela 8:
Jovens que bebem porque em casa não
há harmonia nem paz.**



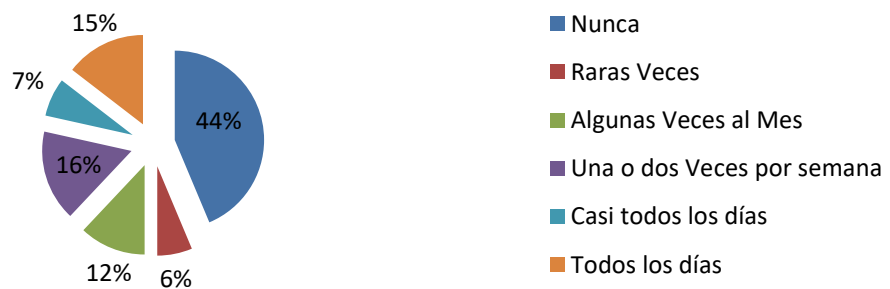
Fonte: Elaboração própria.

**Representação gráfica da tabela 10:
Jovens que bebem para não pensar
muito na vida e aguentar as
dificuldades.**



Fonte: Elaboração própria.

**Representação gráfica da tabela 11: Jovens
que bebem para combater a cansaço ao
vender na zunga.**



Fonte: Elaboração própria.

Os jovens inquiridos apontam muitos fatores que lhes impelem ao consumo excessivo, tal como aparece nas tabelas acima expostas. Assim, da análise efetuada na tabela 3 com relação ao consumo excessivo de álcool 38,0% de jovens declararam consumir sempre por falta de emprego e que do seu ponto de vista, esta é a maneira de se ocuparem, 9,5% de jovens também consome por excesso quase sempre, pelo que,

podemos afirmar que cerca de 47,5 % de jovens, veem o álcool como uma forma de ocupação para passar o tempo, ao passo que 25,3% de jovens afirmaram que as vezes o fazem pelo mesmo motivo.

Da análise feita a tabela 4, se pode inferir que cerca de 18,4% de jovens consomem álcool de forma excessiva porque estão cansados de procurar emprego, 20,9% de jovens fazem-no com frequência pela mesma razão e, 25,3% dos mesmos jovens afirmaram que o fazem as vezes. Se consideramos os termos “cansado de procurar emprego” como falta de emprego, nesta conformidade, seria então de 65,9% os jovens que consomem álcool de maneira excessiva por falta e procura de emprego (ver tabelas 3 e 4 supracitadas).

Roussaux, Faoro-Kreit e Hers (2002 p. 76), lembrando Freud, afirmam que o amor e o trabalho constituem os dois pilares da saúde psíquica. Estas duas dimensões do ser-homem, vão nos servir para avaliar a autonomização. Autonomia significa lei própria, formação e afirmação da sua própria identidade. Ser autónomo é orientar-se por si próprio, ser capaz de gerir a sua vida, assegurar a sua identidade e continuidade, manter os seus limites e afirmar a sua diferença. Autónomo é então aquele que se governa, estabelece as suas regras pelo facto de que pode traçar e respeitar os seus limites, estabelecer o seu campo de ação, de pensamento e de palavras.

Nesta perspectiva, achamos que a falta de trabalho por parte destes jovens é de facto um problema muito sério e, condiciona o seu estilo de vida, dificultando até certo ponto a sua inserção na sociedade para poderem orientar-se de forma saudável no seio familiar e não só. Parece-nos também ser um dos potenciais fatores que influenciam o consumo excessivo de álcool tendo em conta o resultado. Não se pode falar de verdadeira independência se não houver independência financeira. A profissão “o trabalho exterior” – pode ser considerada como o indício da integração social. A ausência de inserção no mundo do trabalho, com excepção de circunstâncias económicas excepcionais, ilustra pelo contrário, uma dificuldade relacional (ROUSSAUX *et al*, 2002 p. 77). Para certos jovens, a alcoolização pode intervir como anestesia do sofrimento gerado pelo próprio processo de autonomização, vivido como traumatizante.

A tabela nº 8, mostra-nos cerca de 19,0% de jovens que consomem álcool, fruto da falta de harmonia, paz, conforto em casa, ou seja, por causa de conflitos familiares no lar; 17,7% de jovens consomem as vezes pelo mesmo motivo, ao passo que 43,7% responderam negativamente. Significa que a acção do álcool é nesta perspectiva, apreciada e reconhecida como um benfeitor na luta para assegurar a felicidade ou afastar

a miséria, a que os indivíduos e mesmo povos inteiros estão sujeitos (ROUSSAUX, et als, 2002 p. 31).

A família é uma vertente fundamental para a contenção do crescimento do adolescente, um espaço privilegiado que permite a configuração do sentimento do mesmo, um lugar onde o sujeito adquire singularidade. Em nossa cultura, os adolescentes colocam em geral, a família o desafio de crescer através de uma reorganização do sistema: a família necessita flexibilizar-se quanto a cumprimento de regras e câmbios de objetivos. Uma família que não tem a capacidade de processar estes câmbios promovidos pelos adolescentes pode converter-se em família isolada, que tenderá a manter seu equilíbrio a custa de seu crescimento. O padrão de flexibilidade converte o sistema em um espaço continente (AGUIRRE DE KOT, M. 2006).

A família é uma ponte, é o nexo entre a sociedade e o indivíduo, uma espécie de matriz primária, assim como a escola e o grupo de pares atuam como matriz secundária no desenvolvimento da personalidade do jovem. A família senta as bases para o tipo de conduta futura e o desenvolvimento de atitudes, valores e estilos de vida. Na família, o menino aprende a manejar as emoções, os impulsos e os problemas em uma forma socialmente aceitável. Quando ela não o ajuda a ajustar-se ao ambiente, o menino perde os mais importantes meios de apoio psicológico, e o agente de socialização mais efetivo. Se as experiências familiares foram positivas, o adolescente será capaz de manejar as pressões e responsabilidades, e se ajustará a comunidade com habilidades positivas frente a situações problemáticas.

Apesar de a maioria dos jovens passar pela adolescência sem maiores dificuldades, alguns encontram sérios problemas psicológicos e comportamentais que transformam não só as suas vidas, mas também as vidas daqueles que os cercam (SISTO *et al*, 2000). O uso de álcool, a depressão, a anorexia nervosa, o suicídio e a delinquência, o fracasso escolar, o desemprego, a gravidez indesejada, acidentes, etc., são apontados como os principais problemas psicossociais da adolescência. Embora raramente, problemas de comportamento durante a adolescência são consequências diretas de se estar passando por essa etapa de desenvolvimento (SISTO *et al*, 2000).

A família está em conexão direta com a sociedade, de modo que as profundas mudanças que concernem a economia, a cultura, o espaço urbano tem repercussões imediatas sobre a vida quotidiana dos indivíduos que se organizam no seio de uma constelação de pessoas vinculadas por sangue e/ou pela aliança. A família não é uma

simples caixa de ressonância destas transformações, tem uma ativa participação nelas (SEGALEN, M. 2013).

Na tabela nº 10, verificamos cerca de 31,7% de jovens que para aliviar o sofrimento e aguentar as dificuldades que a vida lhes impõe, preferem beber sempre e, 27,2% o fazem as vezes. O álcool permite continuar a suportar o que deveria necessariamente ser alvo de uma mudança. Momentaneamente, o álcool torna vivível o invisível. Perante qualquer dificuldade, existem três soluções possíveis: mudar a realidade exterior problemática (mudar de trabalho), mudar a realidade interior (mudar-se a si próprio) ou ainda alcoolizar-se de forma a aceitar tudo sem alterar o que quer que seja, quer no exterior quer no interior. São as repercussões afetivas, a vivência, que são mudadas pelo álcool, e não o sujeito em profundidade nem a questão intolerável da realidade (ROUSSAUX *et al*, 2002 p. 79).

O recurso a substâncias psicoativas não se reduz a um problema de saúde pública, ele diz respeito a um domínio essencial da atividade humana: a busca do prazer e o alívio dos sofrimentos. Freud citado por MOREL *et al* (2001 p.45) falava de “sedativos” que não podemos dispensar para podermos suportar a vida, entre os quais ele alinhava “diversões fortes”, “satisfações substitutivas” e “os estupefacientes”. Numerosos consumos excessivos de substâncias psicoativas representam tentativas de controlo de tensões internas e externas, ou seja, de verdadeiras perturbações psicopatológicas.

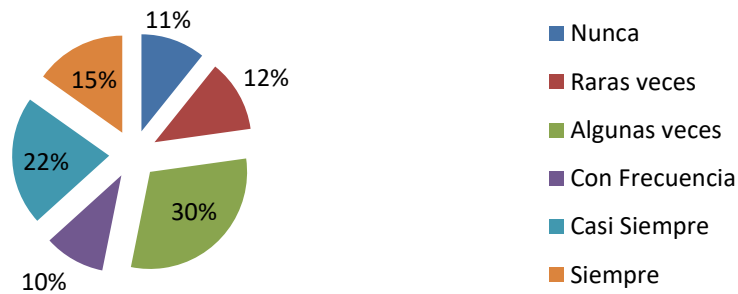
Prazer e sofrimento estão ligados por um contínuo e não são de modo algum quantificáveis, definíveis ou avaliáveis. Sentir e experimentar, os dois sentidos encontram-se na etimologia da palavra experiência.

A responsabilidade é a virtude da prudência que faz medir as consequências dos seus atos, tanto sobre outrem como sobre si próprio. A responsabilidade exerce-se num quadro e sobre um objeto dados, porque só se pode responder àquilo para que somos chamados: uma tarefa, uma missão ou uma escolha.

Por conta da pobreza extrema que se verifica na província de Benguela e no País, certos jovens e populares no geral, ganham a vida na venda ambulante, circulando pelas ruas da cidade com seus negócios a cabeça para ver se até ao fim do dia conseguem algo para nutrir-se ou alimentar a família, muitas das vezes, esses negócios que vendem não são seus, apenas esperam serem pagos pelos lucros. Razão pela qual, 21,6% dos inquiridos, afirmam usar o álcool como um inibidor de canseira na rotina diária, 16,5% responderam que usam tal procedimento uma ou duas vezes por semana (tabela 11).

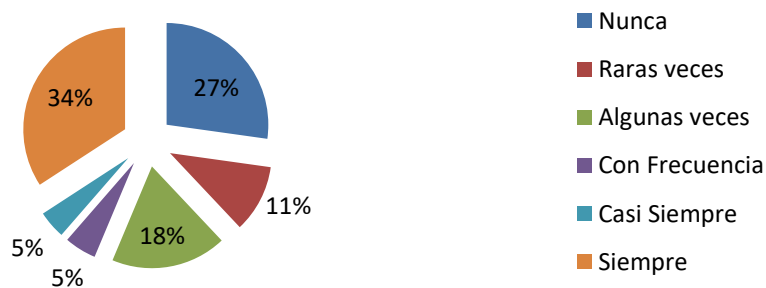
Influência de grupos de pares

**Representação gráfica da tabela 14:
Jovens que bebem devido a influência
dos amigos de infância.**



Fonte: Elaboração própria.

**Representação gráfica da tabela 15:
Jovens que bebem porque todos seus
amigos bebem, para não se sentirem
excluídos.**



Fonte: Elaboração própria.

Com respeito aos grupos de pares, 38,6% de jovens responderam que bebem sempre por influência dos amigos, para não se sentirem excluídos, 36,7% realçaram os amigos de infância que sempre convidam e pagam para eles; já 30,4% de jovens dizem que os amigos de infância as vezes pagam para eles, outros 18,4% dizem que os amigos

de forma geral fazem-no as vezes, contra os 27,2% de jovens que negam esta prática por causa de amigos conforme mostram as tabelas 14 e 15. Analisando os dados de forma global nas tabelas acima (amigos e amigos de infância), diríamos que 75,3% de jovens consomem bebida alcoólica por influência de grupos de pares para não se sentirem excluídos, comparados com os 48,8% que as vezes usam o álcool por este facto. Concluimos que os grupos de pares têm importância no comportamento do indivíduo, veiculando valores, normas, modelos de conduta. Existe uma interdependência entre os seus membros, ou seja, uma interação grupal: um comportamento de um elemento afeta o comportamento e a ação dos outros componentes do grupo e vice-versa (MONTEIRO & RIBEIRO DOS SANTOS, 2001 p. 147). A interação com os outros é um pilar para a construção da identidade pessoal, da reestruturação de um conjunto de comportamentos, pensamentos, valores e objetivos pessoais (TAVARES *et al*, 2007 p. 76).

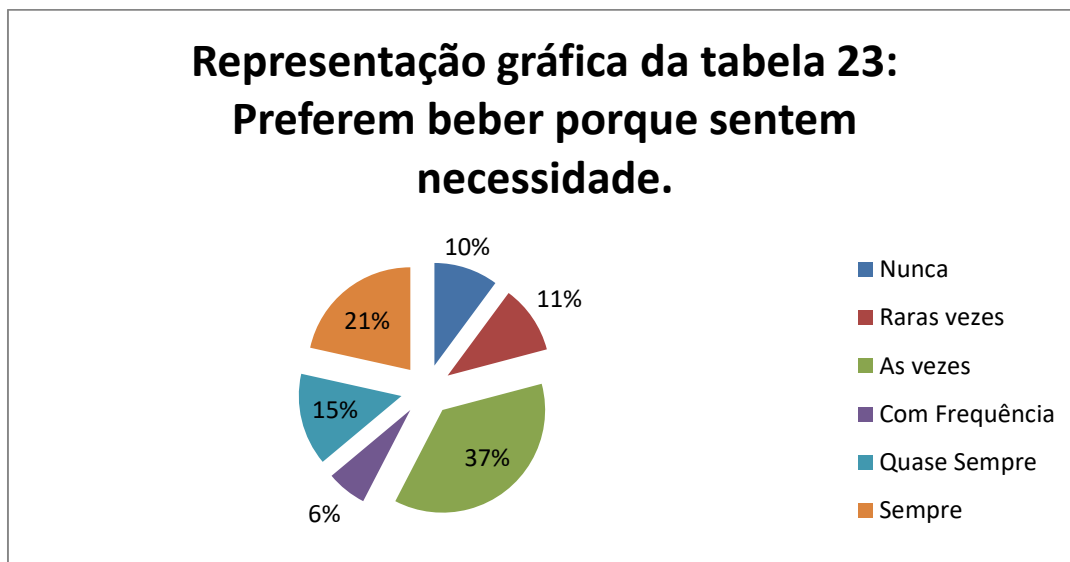
A influência é uma dimensão da interação que se estabelece no interior do grupo, pelo facto de se estar junto do outro. Os indivíduos modelam o seu comportamento segundo as normas e os valores dos grupos a que pertencem: na família, na escola, no grupo de trabalho, nos grupos de lazer. É nos grupos que se realizam as aprendizagens, é nos grupos que emergem os modelos e se exercitam os papéis sociais (MONTEIRO & RIBEIRO DOS SANTOS, 2001 p. 149).

Moscovici (1981 p. 94, 95), destaca que para uma total compreensão dos fenómenos de influência exige que consideremos a minoria, o indivíduo e o subgrupo em função do impacto que podem ter na opinião do grupo. Para ele, a influência se exerce em dois sentidos: da maioria para a minoria e da minoria para a maioria. Quando há influência, cada indivíduo e subgrupo, independentemente de seu status, atuam sobre os outros, que ao mesmo tempo o fazem sobre eles. Assim, uma maioria que tenta impor suas normas e seu ponto de vista a uma minoria sofre ao mesmo tempo a pressão que exerce esta minoria para fazer-se compreender e para fazer aceitar suas normas e seu ponto de vista.

No que tange a influência do grupo na conduta do indivíduo, é importante distinguir as forças próprias e as forças induzidas dirigidas ao câmbio no espaço vital. As forças próprias são aquelas que surgem das necessidades da pessoa, enquanto as forças induzidas nascem no entorno ambiental (SCHELLENBERG, J. 1978 p. 85, 86). A influência mais eficaz para o câmbio social, é a que envolve as forças próprias dos indivíduos, assim como as induções que se encontram nos distintos campos de força que

lhês afectam desde fora. Apesar da distinção feita em relação as forças próprias e induzidas, é vital para compreender os câmbios, lembrar que um grupo não é necessariamente exterior ao indivíduo, porque ao conceber os grupos dessa forma iria contra o pressuposto central da teoria de campo. O comportamento de um grupo, ao igual que o comportamento de um indivíduo, está baseado em um conjunto de factos interdependentes; é esta interdependência dos factos que constitui a natureza da conduta de grupo. Um grupo não é uma coleção de indivíduos, é um conjunto de relações entre indivíduos. Assim, para estudar o comportamento de um grupo não nos podemos limitar a analisar as características individuais dos elementos que o compõem.

Taxa de prevalência no consumo de álcool



Fonte: Elaboração própria.

Podemos afirmar com base nos resultados que, a taxa de prevalência de jovens alcoólicos com tendência a dependência, é de 42,4% na Província de Benguela-Angola, como mostra a tabela 23, outros 36,7% de jovens responderam que as vezes sentem a necessidade de consumir álcool, ou seja, considera-se a este último como um consumo social, enquanto ao anterior patológico ou compulsivo.

Momentos e lugares de consumo de álcool

Representação gráfica da tabela 25: Preferem escolher lugar para beber.



Fonte: Elaboração própria.

Relativamente aos lugares preferidos pelos jovens para o consumo da substância alcoólica, 21,5% responderam que é na rua, 14,6% de jovens preferem em bares, 24,7% em festas, mormente aquelas organizadas pelos grupos de amigos e outras como aniversários, batizados e, 26,6% preferem beber em casa (tabela 25). Confirma-se que a diversão noturna influencia bastante no consumo excessivo de álcool, tendo 60,8% de jovens que bebem fora de casa durante a noite. Consideram a saída noturna como liberação. Se trata da “cultura da noite. A maneira de beber também mudou, procuram sair e beber para alcançar rapidamente um certo ponto de embriaguez. Depois o objetivo é manter a situação durante toda a noite, continuar com aquele grau de euforia dado pelo álcool. A única coisa que interessa a esses jovens é a noite, beber na companhia de um grupo de pessoas com quem se sentem bem. É nessa cultura da noite e do álcool onde os jovens se acabam iniciando no consumo de drogas ilegais (MORENO, C. 2010 p. 104).

A vida recreativa do fim-de-semana tem proporcionado um desenvolvimento substancial entre os jovens durante as últimas duas décadas e se há estabelecido em áreas onde a música, moda e uso de drogas legais e ilegais se converteram em elementos essenciais da diversão e seu contexto (CALAFAT, GOMEZ, JUAN & BECOÑA, 2005). Estes jovens usuários de espaços recreativos do fim de semana saem com motivações principais: escapar da rotina, escutar música, reunir-se com os amigos e dançar.

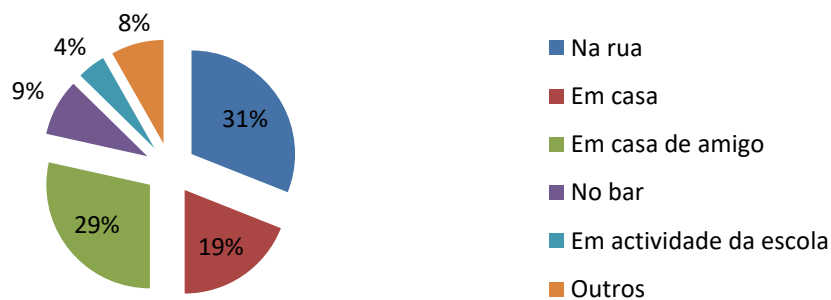
Idade de começo do consumo de álcool

**Representação gráfica da tabela 29:
Idade de consumo de álcool pela
primeira vez.**



Fonte: Elaboração própria

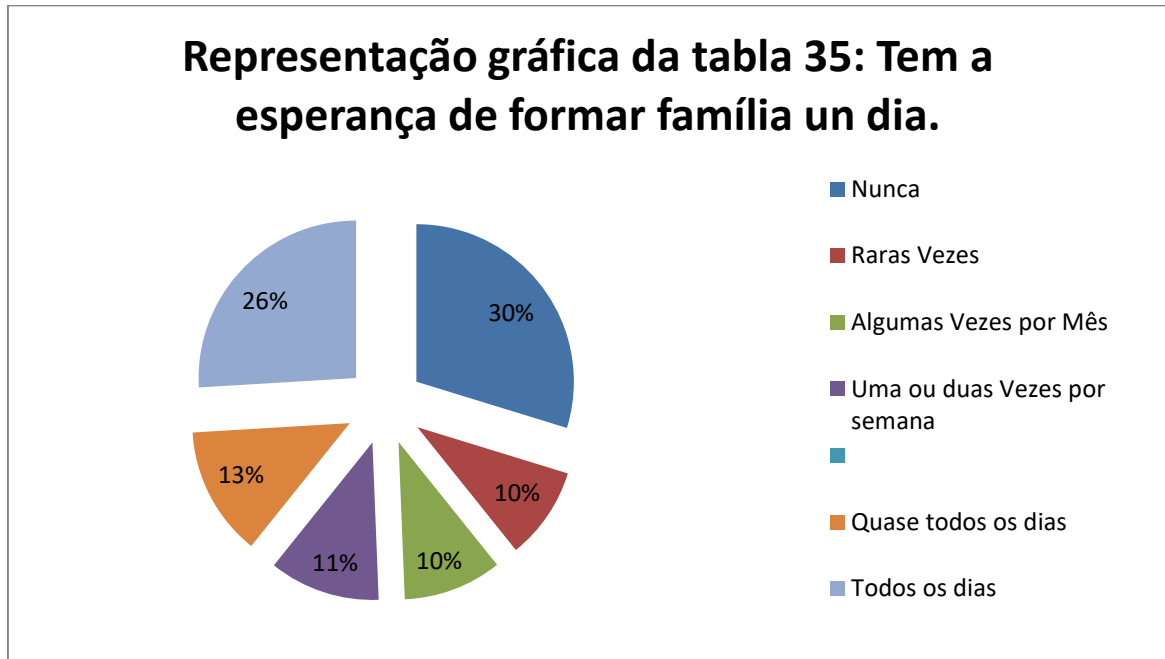
**Representação gráfica da tabela 30:
Lugar de início de consumo de álcool.**



Fonte: Elaboração própria

A análise feita revela que os jovens começaram a beber muito cedo, alguns deram início na faixa etária de 8 a 12 anos (12%), sendo a mais afetada a situada entre os 13 e 18 anos (63,9%), seguida da faixa etária de 19 a 23 anos (21,5%) conforme mostra a tabela 29. Quanto aos lugares de consumo pela primeira vez, 31,0% de jovens dizem que estavam na rua, 28,5% experimentaram na casa de amigos e, 19,0% responderam que estavam em sua própria casa (tabela 30). Resulta mais uma vez evidente que, os grupos de pares exercem grande influência na manifestação deste tipo de condutas.

Expectativas sobre o futuro



Fonte: Elaboração própria

Uma expectativa é o que se considera o mais provável que aconteça. Uma expectativa, que é uma suposição centrada no futuro, pode ou não ser realista (SÁNCHEZ HERNÁNDEZ & LÓPEZ FERNANDEZ, 2005).

As mudanças ocorridas no mercado de trabalho e no sistema educativo, assim como as práticas educacionais, operam na visão de futuro destes jovens. Mas estes não são os únicos fatores que delimitam o futuro senão que existem outros elementos que configuram as representações sobre o futuro, como por exemplo, a família e o contexto geográfico (CORICA, 2012 p. 73). Quando há poucas possibilidades de emprego, quando se deteriora o mercado de trabalho e os certificados educativos se desvalorizam, a valorização da educação muitas vezes fica só no imaginário destes grupos sociais.

Apesar de muita turbulência, dificuldades de vária ordem, ainda há expectativas futuras na superação destas por parte dos jovens, razão pela qual 39,2% mesmo consumindo a bebida alcoólica de forma extrema todos os dias, ainda conservam a esperança de um dia formar família, ao contrário de 29,7% que responderam negativamente (tabela 35). No contexto social e económico, no momento particular de suas vidas, o futuro imediato se converte um presente quando os jovens decidem, de

alguma ou outra forma sobre seu futuro, um futuro que é pensar – entre outras coisas – como se imaginam a futura etapa de suas vidas. Como apresenta Corica (2012), o olhar temporal referido ao futuro implica aquele que se espera como possível ou aquele que pode ser projetável sem que necessariamente se tenha certeza de alcançá-lo totalmente. Estas projeções não se dão no vazio, os jovens não estão isolados do contexto no qual desenvolvem suas expectativas. Os condicionantes sociais influem no olhar do futuro. A seleção subjetiva do caminho a percorrer terá maior ou menor possibilidades de ser levada a cabo em função das restrições que lhes impõe o contexto objetivo no que vivem.

Muitos dos jovens inquiridos assinalam: “depende das expectativas que tenha a pessoa”, o vinculam com os ganhos que tenha cada uno para fazer algo. A isto se soma as qualidades pessoais que geram vantagens ou desvantagens na inserção futura (CORICA, 2012 p. 78). O presente aparece condicionado pelos projetos ou a antecipação do futuro. O tempo presente não está determinado somente pelas experiências acumuladas do passado do sujeito, senão que formam parte as aspirações e os planos futuros.

3- RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados do presente estudo demonstraram um consumo de álcool igual a 65,9% entre os jovens, um número bastante preocupante que aumentou com a idade e indicou maior ocorrência de consumo na faixa etária dos 18 a 25 anos e, verificou-se também um consumo equiparado entre géneros, ou seja, os jovens do sexo feminino consomem na mesma proporção que os do sexo masculino. Os resultados aqui diferem com respeito aos de outros estudos que concluíram o sexo masculino como que mais consome álcool (FERREIRA & TORGAL, 2010; CRIVES & DIMENSTEIN, 2003; PIMENTA, M. 2010; GOMES, ALVES & NASCIMENTO, 2010). Estamos falando de um consumo excessivo de álcool, definido como aquele consumo de 5 ou mais doses de bebidas alcoólicas consumidas em uma única ocasião por homens e, 4 ou mais doses de bebidas alcoólicas consumidas em uma única ocasião por mulheres, tendo em conta a frequência desse padrão de consumo (ROCHA & CARDOSO, 2012).

Na realidade Benguelense em Angola, encontramos jovens de ambos sexos que vão além do estabelecido como padrão, ou seja, os jovens consomem em média uma grade de cerveja cada um. Para sermos mais específicos, diríamos que os jovens consomem em média 24 doses de cerveja por indivíduo em uma única ocasião, uma dose em extremo se olharmos para aquilo que é o padrão de consumo social ou moderado. Por outro lado, o

consumo equiparado de álcool pelos jovens de ambos sexos se justifica tendo em conta que, Cavelli, Cavelli e Reinoso (2011 p. 81), dizem que apesar de o álcool ser hidrossolúvel e se absorver rapidamente, existem múltiplos fatores que condicionam a absorção, as gorduras retardam a absorção enquanto os hidrocarbonetos o facilitam. As jovens de sexo feminino apresentam uma massa corporal em geral, com uma percentagem elevada de gordura, razão pela qual a manifestação de embriaguez é tardia, pelo que muitas delas excedem na quantidade equiparando-se aos homens. Também, referenciam os autores que a excessiva velocidade de ingestão do álcool, pode produzir um espasmo pilórico, retardando com ele a absorção.

Entretanto, não encontramos diferença relativamente a idade com que começaram a ingerir bebidas alcoólicas, mas foi inquietante verificar que 12% dos inquiridos começaram a beber muito cedo na faixa etária dos 8-12 anos e 63,9% dos 13-18 anos de idade, pois o risco é maior para desenvolver a dependência de álcool na vida, em relação aqueles que esperam até aos 19-23 anos.

Quanto aos fatores que levam os jovens ao consumo excessivo de álcool, os resultados dessa pesquisa corroboram com os de outros investigadores. Assim, Elizabete Cruz em 2011 no seu estudo sobre ser jovem em Angola: valores e identidade dos estudantes universitários angolanos chegou à conclusão que os problemas que mais afetam os jovens são o desemprego com 31,0% e o consumo de álcool com 17%. Facto análogo foi encontrado por Pimenta (2010 p.77), investigando eventuais causas e consequências da delinquência em Angola, concluiu que 53,0% de jovens angolanos com idades entre 12-35 anos consomem álcool e outras drogas ilícitas. Aponta a falta de ocupação e condições sociais precárias como uma das motivações para o efeito.

Rocha e Cardoso em 2012, estudando sobre o consumo de álcool entre adolescentes em Araxá-MG/Brasil, concluíram que 40% de adolescentes consomem regularmente a bebida alcoólica, as causas são: sensação de prazer, bem-estar, auto afirmação entre seus amigos, maior segurança para enfrentar os desafios da passagem da infância a vida adulta que a família e a sociedade estabelecem, etc. Salientam também os fatores como: a influência dos pais e familiares, disponibilidade e encontros sociais em locais de venda de álcool, sem a presença de adultos e com a permissão dos pais. Todos esses também foram evidenciados no nosso estudo.

Gomes, Alves e Nascimento (2010), no seu trabalho sobre o consumo de álcool entre estudantes de escolas públicas do Recife, Pernambuco, Brasil encontraram 29,8%

dos estudantes que consumiam álcool, também apontaram os fatores família, os grupos de pares, a escola, a comunidade e a mídia como influências fortes no comportamento alcoólico. Resultados semelhantes foram encontrados por Ferreira e Torgal (2010), quando investigavam sobre o consumo de tabaco e de álcool na adolescência em Portugal, concluindo que 44,1% já se embriagaram pelo menos uma vez. Os amigos são a companhia mais frequente para o consumo de bebidas alcoólicas (75,8%), 16,4% de adolescentes bebem com familiares ou amigos. Facto que condiz com os resultados deste estudo, em que 75,3% de jovens consomem bebida alcoólica por influência de grupos de pares para não se sentirem excluídos.

Neste estudo, uma das causas do consumo excessivo de álcool também citadas pelos jovens é a venda ambulante (21,6%). Crives e Dimenstein (2003), no seu estudo também relataram ter encontrado 71,0% consumidores de álcool, muitos deles 50% estão inseridos no mercado informal de trabalho, o que vem afetando sua qualidade de vida e de sua família, sobretudo as necessidades básicas de alimentação, moradia, etc. Os fatores motivadores do uso excessivo são: a fuga dos problemas, curiosidade, influência dos amigos, insatisfação com a vida, busca de prazer e fraqueza pessoal. Silva, Malbergier, Stemplink e Andrade (2006), também no seu estudo sobre fatores associados ao consumo de álcool e drogas, encontraram 83,1%, a renda familiar mostrou-se relacionada ao uso de álcool, ou seja, os alunos cuja renda familiar era inferior obtiveram o uso de álcool a 75,2% em relação a 92,2% os de renda familiar superior.

Em relação a preferência no consumo de álcool, isto é, momentos e lugares de consumo, concluiu-se que metade dos inquiridos (50%) bebem todos os dias antes do meio-dia, bebem na companhia dos familiares e amigos; a casa é o lugar predileto dos jovens para o consumo, seguindo-se as festas, depois a rua e por últimos locais públicos. Pensamos, os nossos resultados estarem de acordo com os de outros investigadores, como Ferreira e Torgal (2010) que também referenciaram os locais públicos e a casa como sendo os lugares preferidos pelos adolescentes para o consumo de bebidas alcoólicas em sua investigação. Diante deste facto, pensa-se que nessa fase da vida, o consumo de álcool é encarado como forma de socialização.

Gomes, Alves e Nascimento em 2010, detectaram prevalência de ingestão de bebida alcoólica em estudantes igual a 30,5% e 14,5% respectivamente entre o sexo masculino e feminino. Fato análogo foi encontrado neste estudo, em que 42,4% de jovens afirmaram sentirem necessidade de beber em relação a outros 36,7% que responderam

sentir as vezes. De forma semelhante, Souza, Areco e Filho (2005), no seu trabalho sobre álcool e alcoolismo entre adolescentes, encontraram uma prevalência de 71,3% para o consumo de álcool e 13,4% para o alcoolismo.

4- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não é novidade que o consumo de álcool se verifica em todas regiões e sociedades do mundo, com diferentes formas de ingestão nos diversos segmentos e estratos sociais. Tal realidade também se aplica em Benguela-Angola, onde os jovens de diversos estratos sociais consomem álcool de forma diferenciada e preocupante.

A guerra civil vivida no País, sobretudo no período pós independência durante as décadas de 80 a 2002, originou deslocação de populações do campo para as cidades e, neste contexto, diferentes modelos culturais surgiram, dentre eles os hábitos e costumes etnolinguísticos. Com tantas mudanças sociais, culturais, económicas e políticas, a educação transformou-se de forma veloz e um tanto confusa. Essas mudanças criaram em pouco tempo, novos valores e novas referências que passaram a ser aplicados na formação educacional dos jovens de então. Os modelos do passado entraram em desuso, em alguns segmentos chegaram a decadência e a extinção (SILVA, 2010 p. 58,59).

A maioria dos jovens tem consciência dos riscos que corre pela prática de consumo excessivo de álcool, mas para eles representa um ato em busca de solução para as dificuldades. Num contexto normal e digno de vida, considera-se a questão da busca do prazer. No contexto de baixa renda, não podemos falar nesses termos simplesmente. De qualquer modo, seguimos a posição de que os jovens encontram no álcool algum alívio e não necessariamente prazer (ROUSSAUX et al, 2002 p. 79; MOREL et al, 2001). A confusão no ambiente sócio familiar, as carências vividas agravam as angústias naturais em relação ao seu futuro, às suas tarefas sociais, á sua responsabilidade como membro de uma comunidade. Transforma não só a vida do jovem, mas também a vida daqueles que o cercam (SISTO et al, 2000). O álcool passa a constituir uma verdadeira estratégia de sobrevivência, pois reduz as sensações de fome, frio e provoca estados de sonolência que, de certa forma, permitem a alienação de uma realidade que é deprimente, assim como permite preencher um tempo que é interminável face a falta de atividades em que se encontram. Segundo Frávero *et al* (2007), a maioria dos jovens vive o desemprego sob a forma de culpabilidade ou da vergonha. O difícil nessa situação é, principalmente o

sentimento de desvalorização social que daí provém. Os jovens desempregados não se reconhecem na imagem que a sociedade cria deles. O status do desempregado está, frequentemente “engasgado”, afetando sempre a identidade social e, às vezes, a identidade pessoal.

O fracasso reiterado na busca de uma identidade social e familiar leva o jovem por caminhos equivocados que, em um curto-circuito, permite-lhe a satisfação imediata de suas necessidades, mas que ao mesmo tempo, o destroem profundamente. O consumo de álcool coloca-se nesse sentido como via de escape do conflito. Paralelamente, a relação com os pares se fortalece, uma vez que encontra companhia e, sobretudo, uma possibilidade de pertinência – sentimento essencial à resolução de sua identidade social. O grupo adquire coesão pela comunidade de interesses e necessidades: praticam as mesmas atividades (venda ambulante por exemplo), padecem dos mesmos problemas. A participação neste grupo confere-lhe segurança, permite protegerem-se do abandono, da repressão do lar e das precariedades económicas (MONTEIRO & RIBEIRO DOS SANTOS, 2001 p. 147).

Arendt (2000), diz que a incapacidade de pensar oferece um ambiente privilegiado para o fracasso moral. Silva (2010 p. 61,62), salienta que na maioria das vezes, os pais não questionam suas próprias condutas, deixando de atribuir a devida importância que suas ações possuem no trato com os filhos. Assim, desqualificam totalmente o valor educativo com suas posturas.

O futuro dos jovens, ainda que incerto, é considerado positivo para a maioria dos inquiridos o que é um indicador de que a percepção que os inquiridos têm do seu rumo é positivo, e cumprir-se-á esta esperança se a premissa do emprego for satisfeita. Os jovens em Benguela-Angola têm valores, ainda que a prática, comportamentos, atitudes não sejam conforme aos mesmos, mas aos apelos e ditames do exterior, do meio envolvente, da estrutura, do contexto (CRUZ, 2011). Pensa-se que os estudos futuros venham a focalizar sobre as estratégias a adoptar para ocupar os jovens e estudar políticas públicas ou privadas de sensibilização das famílias, organizações afins para prevenir ou combater este mal que enferma os jovens hoje e garantir uma vida saudável.

5- REFERÊNCIAS

AGUIRRE, K. **La adolescência y el alcohol**. Buenos Aires. 2006.

ALIANE, P. P.; LOURENÇO, L. M.; ROUZANI, T. M.. Estudo comparativo das habilidades sociais de dependentes e não dependentes de álcool. **Psicologia em estudo**, Maringá, V.11, n.1, p. 83-88, jan./abr. 2006.

ARENDT, H. **A Condição Humana**. Rio de Janeiro. 10ª ed. Forense Universitária. (Trabalho Original publicado em 1958).

_____. O que é Política? 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2002. (Trabalho Original Publicado em 1993 por Ursula Ludz)

_____. **A vida do espírito**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Editora Relume Dumará., 2000.

_____. **A crise na educação**, 1979. Disponível em www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/file/otp/hanna_arendt_crise_educacao.pdf. Acesso em: 10 de Outubro de 2014.

CALAFAT, Amador; Gómez, Cesáreo Fernández; Juan, Montse Becña .Gestión de la vida recreativa: ¿Un factor de riesgo determinante en el uso reciente de drogas? **Adicciones**, v. 17, n. 4 págs 337-347, 2005.

CAZALS-FERRÉ, Marie-Pierre; Rossi, Patrícia. **Elementos de Psicologia Social**. Tradução de Maria de Fátima de Sá Correia. Coleção Síntese. Porto/Portugal: Porto – Editora, 2007.

CORICA, Augustina (2012). Las expectativas sobre el futuro educativo y laboral de jóvenes de la escuela secundaria: entre lo posible y lo deseable. Chile. **Última década**, n. 36, pp. 71-95. Disponível em: [http:// www.redalyc.org/articulo.a0?id=19523136004](http://www.redalyc.org/articulo.a0?id=19523136004). Acessado em 10 de setembro de 2016.

CAVELLI, José Luis; Covelli, M. Yanina; Reinoso, Marcelo. **Patología Laboral: El trabajo, su necesidad. La desadaptación y sus consecuencias.** Buenos Aires. 1ª ed. – Ciudadela: Dosyuna Ediciones Argentinas 2011.

CRIVES, M.N. S.; DIMENSTEIN, M. “Sentidos produzidos acerca do consumo de substâncias psicoativas por usuários de um programa público”. **Revista Saúde e Sociedade** vol. 12, n. 2 p. 26-37, Jul-Dez 2003. Disponível em: www.googleacademico.com. Acesso a 23 de novembro de 2014.

CRUZ, Elizabete da Conceição de Fátima de C. Vera (2011). **Ser Jovem em Angola: valores e identidade dos estudantes Universitários angolanos.** ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa. Tese de Doutorado em Sociologia. Disponível em www.googleacademico.com. Acesso a 25 de novembro de 2014.

ECO, U. **Como se faz uma tese em ciências humanas..** 17ª ed. Lisboa: Editorial presença, 2011.

FÁVERO, O.; SPÓSITO, M. P.; CARRANO, P. **Juventude e Contemporaneidade.** Coleção educação para todos. Brasília. MEC/UNESCO/ANPED.

FERREIRA, Maria M. da Silva R. dos Santos; Torgal, Maria C. Leite de F. Paúl Reis (2010). Consumo de tabaco e de álcool na adolescência. **Rev. Latino-Am. Enfermagem** v.18 n.2, mar-abr (2010). Disponível em: www.eerp.usp.br/rlae. Acesso em 23 de dez. de 2014.

GOMES, Betânia da Mata Ribeiro; Alves, João Guilherme Bezerra; Nascimento, Lucila Castanheira Consumo de álcool entre estudantes de escolas públicas da Região Metropolitana do Recife, Pernambuco, Brasil. **Cad. Saúde pública, Rio de Janeiro**, v.26 n.4, 706-712, abr. 2010.

HERNÁNDEZ, I. D. **La influencia del alcohol en la sociedad.** Osasunaz., 2003.

MONTEIRO, M; RIBEIRO S. **Milice Psicologia 1ª parte 12º Ano**. Porto/Portugal: Porto editora, 2001.

MOREIRA, V. O método fenomenológico de Merleau-ponty como ferramenta crítica na pesquisa em psicopatologia. **Psicol. Reflex. Crit.** Vol.17, nº3, Porto Alegre 2004. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-79722004000300016>. Acesso em 27 de jan. de 2015.

MOREL, A.; BOULANGER, M; HERVÉ, F.; TONNELET, G. Prevenção da Toxicomanias. Lisboa. 1ª ed. Climspsi Editores, 2001.

MORENO, Ciriaco Izquierdo. **Educar em valores**. Trad. de Maria Luisa Garcia Prada. 4ª ed São Paulo: Editora Paulinas. 2010.

MOSCOVICI, S. **Psicología de las minorías activas**. Trad. de M. Olasagasti. Madrid. Ediciones Marata, S.A. 1981.

PASTOR, Y; BALAGUER, I. y G.; MARITA, M. Relaciones entre el autoconcepto y el estilo de vida saludable en la adolescencia media: un modelo exploratorio. **Psicothema**. Vol. 18, nº 1 pp. 18-24, 2006.

PIMENTA, M. E. **Eventuais causas e consequências da delinquência em Angola – Modelos da delinquência**. 1ª ed. Lisboa: Editora Calçada das letras, 2010.

RESGATE, I. **Diversidade e comportamentos juvenis**: um estudo dos estilos de vida de jovens de origens étnico – culturais diferenciadas em Portugal. *Análise Psicológica*, 3

(XIX): 345-364, 2001. Disponível no www.googleacademico.com. Acessado a 15 de janeiro de 2014.

ROBLEDO, D. T. *et. al.* **Recomendaciones sobre el estilo de vida**. Grupos de trabajo de educación sanitaria y prevención cardiovascular del PAPS. Aten primaria. 32 (Supl 2): 30-44/31, 2003.

ROCHA, Francisco I. Ferreira; Cardoso, Fernanda Costa. “O consumo de álcool entre os adolescentes na cidade de Araxá-MG: Uma abordagem sociológica e Jurídica”. Araxá. **Revista Jurídica Uniaraxa**. v.16 n.15, p. 140-162, Ago. 2012. Disponível em: www.googleacademico.com. Acesso a 15 de dezembro de 2014.

RODRIGUES, A.; ASSMAR, E. M.; JABLOSNIKI, B. **Psicologia Social**. Rio de Janeiro. 31ª ed. Petrópolis: Editora Vozes Ltda, 2014.

RODRIGUES, A.; ASSMAR, E. M.; JABLOSNIKI, B. **Psicologia Social**. Rio de Janeiro. 27ª ed. revista e ampliada. Petrópolis: Editora Vozes Ltda, 2009.

ROUSSAUX, Jean-Paul; FAORO-KREIT, Blandine; HERS, Denis. **O alcoólico em Família**. Trad. de Maria Isabel Lúcio.. 1ª ed. Lisboa: Climepsi editores, 2002.

SAMPIERI, Roberto Hernández; Collado, Carlos Fernández; Lucio, Pilar Baptista. **Metodología de la Investigación**. 5ª ed. México: McGraw-Hill Educación/Interamericana Editores, S.A de C.V, 2010.

SCHELLEMBERG, James A. “**Los Fundadores de la Psicología Social**”. España: Alianza Editorial, 1977.

SEGALEN, Martine. **Sociología de la familia**. Trad. Susana Murgía. 1ª ed. Editorial de la Universidad Nacional de Mar del Plata: EUDEM, 2013.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Bullyng: mentes perigosas nas escolas**. Rio de Janeiro. Editora Objectiva Ltda, 2010.

SILVA, C. A. F. “**Resenhas. Tempo social**”. São Paulo. vol. 17 nº 2 p. 205-217, 2005.

SILVA, G. L. *et. al.* **Observatório epidemiológico**. Publicação Científica do curso de Bacharelato em enfermagem do CEUT. Edição 44, 2011. Disponível em: www.googleacademico.com. Acessado em 15 de Outubro de 2014.

SILVA, Leonardo V. E. R. *et. al.* Fatores associados ao consumo de álcool e drogas entre estudantes Universitários. **Rev. Saúde Pública**, v. 40, n. 2, 280-8, 2006. Disponível em: www.googleacademico.com. Acesso em: 15 de dezembro de 2014.

SISTO, F. F; Oliveira, G. de C; Fini, L. D. Tolaine (2000). Leituras de Psicologia para a formação de professores. São Paulo. Petrópolis, Vozes; Bragança Paulista. Universidade São Francisco.

SOUZA, D. P. O.; ARECOB, K.N. “Álcool e alcoolismo entre adolescentes da rede estadual de ensino de Cuiabá, Mato Grosso”. **Rev. Saúde pública**, v. 39, n.4, 585-92, 2005. Disponível em: www.fsp.usp.br/rsp. Acesso a 24 de dezembro de 2014.

TAVARES, J. *et. al.* **Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem**. Porto/Portugal: Porto Editora, Ltda, 2006.